

OFICINA SOBRE A SURDOCEGUEIRA NO SÁBADO EM FOCO 2019

CAROLINA MACEDO DE VASCONCELOS¹; HENIANE PASSOS ALEIXO²;
MELISSA NOVACK OLIVEIRA RIBEIRO³; THAIS PHILIPSEN GRUTZMANN⁴

¹ Escola Especial Professor Alfredo Dub – cakovasconcelos@gmail.com

² Escola Especial Professor Alfredo Dub – henianealeixo@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – melissanovack@msn.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – thaisclmd2@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo relata a oficina realizada sobre a surdocegueira que aconteceu na Escola Municipal Pelotense, na cidade de Pelotas/RS, no evento chamado “Sábado em Foco”, no mês de agosto do corrente ano. O convite, realizado de forma ampla pelos responsáveis do evento, possibilitou que as autoras inscrevessem sua oficina, tendo sido aprovada a aplicação após avaliação, a qual tinha o intuito de abordar o assunto da inclusão e Matemática, para os alunos do curso Normal e do Ensino Médio.

O trabalho é coordenado pela professora Heniane Passos Aleixo, Psicopedagoga e com formação na área da surdocegueira, sendo Guia Intérprete e Instrutora Mediadora, atuando como docente na Escola Especial Professor Alfredo Dub, escola de proposta bilíngue que atende alunos surdos e com surdocegueira da cidade de Pelotas e da região.

Essa proposta de oficina se originou da Oficina Trilha Sensorial sobre a Surdocegueira, que aconteceu na Escola Especial Professor Alfredo Dub, em 2017, nas comemorações do Novembro Branco e Vermelho, mês indicado para a conscientização sobre a surdocegueira enquanto uma condição única (CADERNASCIMENTO; COSTA, 2010).

A oficina sobre surdocegueira aqui apresentada leva ao público a sensações que possivelmente passam as pessoas com deficiência em geral, busca sensibilizar e mostrar alguns dos obstáculos e, ainda, qual o olhar do outro sobre essa situação. A oficina leva ao público o conhecimento sobre essa condição de forma lúdica, experimental e prática, além de embasamento teórico, com a definição sobre Surdocegueira como sendo uma deficiência única, seus tipos (MAIA, 2004) e classificações (WATANABE, 2017). A capacidade de experimentar, ou seja, de vivenciar a vida ou a condição do outro, nos ajuda a ver o outro e suas capacidades e dificuldades.

2. METODOLOGIA

A aplicação da oficina foi para, aproximadamente, 18 alunos do Ensino Médio, num sábado pela manhã, com duração de duas horas. Num primeiro momento os alunos foram separados em grupos de três a cinco componentes, sentando-se junto às classes, para facilitar a manipulação dos materiais. Intercalando com a apresentação de alguns conceitos importantes, as oficinas vendaram os alunos e diminuíram sua audição por meio de tampões e abafadores de sons.



Figura 1: Organização dos participantes.
Fonte: As pesquisadoras, 2019.

Foram levados materiais diversos para a percepção tátil, com texturas como areia, grãos, farinha, bolinhas de isopor, gelo, casca de ovo, entre outros, conforme Figura 2.



Figura 2: Materiais para estimulação tátil.
Fonte: As pesquisadoras, 2019.

Paralelo a esses potes, também havia alguns potinhos pequenos, com alguns elementos para os alunos “cheirarem”, desenvolvendo seu olfato. Dentre os odores disponibilizados aos alunos tinha alho, manjeriço, canela, café, sabão em pó, entre outros (Figura 3).



Figura 3: Material para estimulação olfativa.
Fonte: As pesquisadoras, 2019.

O terceiro e último momento da oficina era referente a manipulação de alguns jogos, onde um dos alunos vendado, seria auxiliado por seu colega, no papel de professor, este sem a venda. Porém, a comunicação não poderia ser feita de forma oral. E, ainda, o aluno vendado tinha mais alguma limitação, a partir do uso de uma luva ou de dois dedos grudados.



Figura 4: Trabalho em duplas.
Fonte: As pesquisadoras, 2019.

Os materiais usados nessa etapa foram jogos de madeira, com figuras geométricas, e jogos adaptados, para trabalhar com o movimento de pinça, por exemplo, conforme se percebe na Figura 4.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta oficina vem sendo realizada desde o ano passado, com diferentes públicos, porém para alunos do Ensino Médio foi a primeira vez. Foi a quarta aplicação da oficina este ano, sendo que as outras três tiveram como participantes alunos da Licenciatura em Pedagogia, Matemática e professores da rede em geral.

Porém, essa foi direcionada a um público mais jovem, que está diretamente envolvido com seus pares e por alguma razão, optaram em se inscrever nesta oficina sem saberem ao certo o que era e o que iria acontecer.

Para a surpresa das oficinas foi uma experiência única e gratificante, pois a receptividade dos adolescentes foi excelente, contrariando suas expectativas iniciais, de que este público poderia não gostar e não querer realizar as atividades. Os resultados foram fascinantes, pois os jovens fizeram questionamentos relevantes referentes à questão da inclusão, sobre deficiências, a partir de diferentes olhares e experiências. Destaca-se, ainda, que muitos que estavam ali na escola nunca haviam ouvido falar sobre a condição da surdocegueira.

4. CONCLUSÕES

Esse trabalho mostrou a experiência e a percepção de um grupo de alunos do Ensino Médio, que estão na adolescência, onde a visão sobre o outro é bastante tribal, caracterizado também pelo egocentrismo, rebeldia, autoestima e autopreservação.

Porém, o grupo mostrou-se maduro e engajado durante as vivências, deixou levar de forma intensa por cada atividade, aproveitando a riqueza dos detalhes, dos materiais, e questionando sobre suas curiosidades sobre as pessoas com deficiência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A.; COSTA, M. da P. R. da. **Descobrimos a surdocegueira: educação e comunicação**. São Carlos, SP:EdUFSCar, 2010.

MAIA, S. R. **A educação do surdocego**: diretrizes básicas para pessoas não especializadas. 2004. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do desenvolvimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

WATANABE, D. R. **O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-13062017-112304/>>. Acesso em: 03 set. 2019.